

SILVA, MARILENE ROSA NOGUEIRA DA. *NEGRO NA RUA. A NOVA FACE DA ESCRAVIDÃO*. SÃO PAULO, HUCITEC, 1988.

Ana Regina Falkembach Simão*

Escravo ao ganho, um bom negócio

O livro *Negro na Rua*, lançado ano passado pela editora Hucitec, é resultado da dissertação de mestrado de Marilene Nogueira da Silva, defendida em outubro de 1986, no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, para conclusão do curso de Pós-Graduação em História.

A obra é dedicada ao estudo da escravidão urbana no Rio de Janeiro, no século XIX, e tem por prioridade enfocar o trabalho do escravo ao ganho, que "representava uma alternativa dos senhores de empregarem sua enca-recida mão-de-obra na produção de benefícios monetários imediatos".

No decorrer da leitura de *Negro na Rua* percebe-se o empenho em mostrar a importância do trabalho escravo na vida urbana, pois este estudo acabou ficando esquecido pela historiografia brasileira, que sempre tratou o cativo como mão-de-obra rural.

Segundo a autora, na medida em que crescem as cidades, o número de escravos aumenta. Foram estes negros cativos a mão-de-obra básica no desenvolvimento das cidades do século XIX, pois "circulavam por todos os cantos, dedicando-se a várias atividades quer fossem escravos domésticos encarregados de pequenas compras ou recados, alugados e negociantes, ou mesmo alugados empregados ao ganho".

Neste momento, cabe ao Estado fiscalizar e controlar a 'massa escrava' urbana, fazendo então o papel de feitor. Para tanto, criaram-se as posturas municipais que regulamentaram as relações escravos-cidade, visto que o trabalho escravo tornou-se cada vez mais indispensável para o 'bem estar'

da sociedade brasileira.

Segundo Nogueira, o escravo ao ganho representou as "transformações nas relações escravistas tradicionais" e foi um elemento de suma importância dentro do contexto rubano, pois desempenhou os mais variados tipos de tarefas, vivendo muitas vezes como livre, ou seja, sustentando-se a si próprio e propiciando lucros ao senhor.

Para realizar o presente estudo, a autora lançou mão dos pedidos de licença feitos à Câmara Municipal, que possibilitava a colocação de escravos ao ganho na praça do Rio de Janeiro, num período que corresponde a várias etapas de nosso passado escravista, 1820 a 1888.

Baseando-se nos estudos de Leila Algrante, autora do livro *O Feitor Ausente*, Marilene analisa o aspecto contraditório do escravo ao ganho, que mesmo sendo propriedade de outro recebe e agencia dinheiro. Conforme Nogueira, a escravidão ao ganho favoreceu "o surgimento de uma mão-de-obra treinada, de uma classe de proprietários de renda média e de formas intermediárias de 'salários', que denominou de 'brecha assalariada'.

Ao nosso entender, utilizar a expressão 'salário' para explicar o trabalho realizado pelo escravo ao ganho é forçar um pouco o real conceito da palavra. Visto que o negro cativo, dentro do sistema escravista brasileiro, é propriedade de outro. Como pode, então, receber salários?

* Mestranda do Curso de Pós-Graduação em História da PUC-RS